

HEGEL E A GEOGRAFIA*

François Châtelet

O objetivo da breve análise que segue não é somente levar a conhecer a maneira como Hegel concebia a Terra, o que ele sabia dela e como ele o sabia. Trata-se também de mostrar de que maneira, no primeiro terço do século XIX um pensador unanimemente tido como genial, tanto por seus seguidores como por seus detratores, pôde justapor sobre este "objeto" que é a geografia, ingenuidades e banalidades ao mesmo tempo que intenções originais ou profundas. Ao mesmo tempo, o objetivo é estabelecer que esta que se designa hoje como a mais "objetiva" das ciências sociais foi até um passado recente e apesar de ser objeto de grande curiosidade, o "parente pobre" dos conhecimentos para o pensamento especulativo. Que indício devemos tirar disso? Deve-se considerar este menosprezo como uma oportunidade que permitiu à positividade desenvolver-se mais facilmente? Devemos, ao contrário, ver aí o sinal inquietante, partindo de

*Traduzido de Hérodote, nº 2, abril-junho 1976, p.77-93, Paris, Maspero, por Raquel Mª Fontes do Amaral Pereira, professora do Departamento de Geociências da UFSC. A tradutora agradece a colaboração de Dorothee de Bruchard e do Prof. Dr. Selvino José Assmann. Com este último, discutiu especialmente as questões relativas à filosofia de Hegel.

(N.T.) Para fazer a tradução do texto de Châtelet, recorremos também à boa e conhecida tradução espanhola de José Gaos das *Lecciones sobre la filosofía de la historia universal*, 4.ed. Madrid, Revista de Occidente, 1974.

um pedestal desnudado desta forma (ou trivialmente tratado), de uma pretensa positividade provocada por um engodo e um meio de operações mal controladas ou, pior, capciosas? Não daremos uma resposta. E isto tanto menos que figuram aqui somente notas introdutórias ao assunto abordado: um estudo sério sobre Hegel e seu pensamento da geografia exigiria várias centenas de páginas; este estudo diria provavelmente muito mais sobre Marx e sobre Engels e sobre as carências do materialismo histórico assinaladas desde o primeiro número de Hérodote - nesta matéria.

Ciência e filosofia da natureza; geologia e geografia

É conveniente lembrar primeiro da distinção que Hegel faz entre os conhecimentos científicos e a filosofia da natureza. Até Kant exclusivamente, a metafísica clássica - de Descartes, por exemplo - identifica os dois tipos de pesquisa, sendo que a diferença assinalável entre eles é que as primeiras são especiais, que elas se debruçam sobre um objeto especial (a mecânica, o corpo vivo, por exemplo) enquanto que a segunda se dedica a generalizações doutrinárias. A partir de 1781, a Crítica da razão pura, levando em conta a "philosophia naturalis" de Newton e discussões físicas e metafísicas que ela suscitou, levanta entre os dois empreendimentos uma barreira intransponível (o que não aconteceu, como o provam os múltiplos discursos elaborados depois, ignorando completamente a demonstração kantiana e dos quais as elucubrações de Teillard de Chardin e de Jacques Monod são as mais recentes e desagradáveis manifestações): as ciências experimentais têm por matéria um dado irredutível, a filosofia da natureza é uma extrapolação ilegítima, resultante da tendência natural da Razão a procurar o incondicionado. Hegel torna sua esta distinção, com uma pequena diferença, que é decisiva - vê-lo-emos no que concerne ao tratamento da geografia; ele considera esta tendência plenamente fundada em fato e em direito, na medida em que ela torna inteligível a relação global existente entre o objeto - a natureza - e o sujeito - consciência de si (enquanto que as ciências apreendem o objeto como em si, fora de toda a relação com a consciência de si).

Assim, quando o *Précis de l'Encyclopédie des sciences philosophiques*¹ levanta um quadro sistemático do Saber, a segunda parte, consagrada à natureza, analisa as ciências físicas, no sentido amplo desta expressão, e estuda sucessivamente a Mecânica, a Física propriamente dita e a Física orgânica - que nós chamaríamos hoje de biologia. Nela consideram-se estas diversas disciplinas em si e apresentam-se as diferentes noções que as mesmas elaboraram para dar conta dos objetos que elas construíram em função de suas experiências específicas: o espaço, o tempo, a inércia, a gravidade. Entre estes objetos há a "natureza geológica"² ou, como o chama também Hegel, o "corpo terrestre"³: se trata de um organismo, mas que não é ainda vivo; é um organismo, já que para torná-lo inteligível como ele é em si, é preciso "representar" uma configuração harmônica de realidades diferentes (o granito, os minerais, o calcário...); mas se trata de um organismo morto, como petrificado; nele, no entanto, no seu elemento marinho, ocorrem realidades que fazem dele uma fonte de vida: "A terra e particularmente o mar, como real possibilidade de vida, desabrocham infinitamente por toda parte numa vida punctiforme e efêmera; - são líquens, micróbios, imensas massas de pontos fosforescentes e vivos no mar".⁴

A ciência da terra é pois a geologia, no sentido etimológico: discurso racional de e sobre a terra ou ainda a terra "falando" racionalmente de si, de sua organização diferenciada, de seus materiais. Notar-se-á que aqui a geografia não é mencionada. Ela não poderia sê-lo. Pois, segundo Hegel, a geografia como tal pertence à história, isto é, a esta odisséia, a este vir-a-ser dramático dos povos ao longo do qual cada um dentre eles, encarnando, na sua civilização material, na sua legislação, nas suas estruturas espirituais, uma figura do Espírito, constitui no seu tempo uma etapa no percurso da humanidade, em busca de sua completa realização. A geografia não é uma ciência como o são a mecânica ou a geologia; ela é um elemento - o elemento de base, no sentido material do termo, desta fenomenologia plenamente cumprida, totalmente racional, que é a história dos povos, das nações, dos Estados. Dizer que ela é fenomenológica, significa que ela é descritiva, mas seria um grave erro de leitura tomar este qualificativo de forma pejorativa. Esta descrição dada ao nível em que ela se situa, é total

percepção da essência. Em outras palavras, ela é a apresentação do que há de essencial no **habitat**, a **paisagem** - no sentido forte com que esta implica em técnicas, em relações interindividuais, em imaginário - onde nascem, se desenvolvem e morrem (ou adormecem) as culturas que balizaram, por sua atividade original, o impulso sangrento e glorioso do homem.

É, naturalmente, uma grande tentação ver nesta distinção entre **geologia** e **geografia** feita por Hegel uma prefiguração, dentro da linguagem especulativa, da que se faz hoje e que coloca tantos problemas entre a geografia física e a geografia humana. Seria deplorável ceder a isto: a "geografia" hegeliana não é a "geologia" + os homens e sua força involuntária ou voluntária de transformação. Por mais simples que ela seja sob muitos aspectos, é antes a grafia - o desenho, os perfis vistos, experimentados nos caminhos e empreendimentos, apreendidos de múltiplas maneiras pelos gestos, percepções, paixões, ações, sonhos, a geometria descritiva vivenciada do lugar da vida material. E muito mais do que na geografia humana, seria preciso pensar nas análises de Maurice Merleau - Ponty na **Phénoménologie de la perception** ou nas longas introduções "materialistas" de Fernand Braudel em **La Méditerranée au temps de Philippe II** e de Pierre Vilar na **Histoire de la Catalogne**.

Mas vejamos o conteúdo desta descrição.

O ESPÍRITO E A TERRA. A análise geográfica mais desenvolvida de Hegel situa-se nas **Lições sobre a filosofia da História Universal**⁵, e mais precisamente num texto inserido na **Introdução** que precede estas **lições**, onde estão expostos os princípios que governam a história filosófica, oposta à história original (ou relato histórico) e à história refletida (ou ciência do passado) e englobando-as uma e outra. Não é evidentemente possível lembrar, mesmo de forma breve, estes princípios: basta recordar o que o racionalismo realista de Hegel pressupõe: por um lado, que **tudo** o que é em um momento dado, por exemplo hoje, é o resultado de tudo o que foi (de tudo o que veio-a-ser) e, por outro lado, que o real é racional (que tudo o que é é, por definição, o objeto de um discurso plenamente legitimado e transparente, inclusive as crenças mais estranhas e as ati-

vidades mais absurdas) e que o racional é real (que não existe configuração conceitual, por mais abstrata que ela possa parecer, que não se encarne na realidade).

Este texto é intitulado: **O fundamento geográfico da história universal**⁶. Ele encerra, por assim dizer, esta introdução. Hegel explica imediatamente: na aparência, a conexão entre o espírito de um povo e a natureza não se impõe: a natureza se dá como "exterior". Ela o é efetivamente, mas "o terreno sobre o qual o espírito se move, é essencialmente e necessariamente uma base". Pois é só sobre esta base que um povo **existe verdadeiramente** (isto é, age e se realiza materialmente). Desde então, é preciso dar conta das "diferenças naturais" que "devem ser consideradas primeiro como possibilidades particulares a partir das quais o espírito se exterioriza, e elas fornecem assim o fundamento geográfico"⁷. Em suma, e para falar uma outra linguagem, o habitat natural fornece as condições empíricas de possibilidades de desenvolvimento de tal ou qual figura do espírito. Não se trata pois de maneira alguma, de articular uma causalidade qualquer; nem mesmo uma relação de inteligibilidade estrita, do tipo da que institui Montesquieu. A natureza atua enquanto imediatez feita de particularidades: "Ela constitui o primeiro ponto de vista a partir do qual o homem pode em si mesmo conquistar uma liberdade, e esta libertação não deve ser dificultada pelas forças da natureza"⁸; neste sentido ela inter-vém sobretudo negativamente quando define condições globais de impossibilidade.

Se é assim, deve-se pois considerar dois aspectos na "ação" da geografia: esta ocorre, em primeiro lugar, quando as diferenças naturais podem ser generalizadas - isto se dá com o clima, com a **oposição terra/mar** e com a **oposição nascente/poente**; em segundo lugar, quando se desenham continentes que têm a sua singularidade e cujas particularidades se acham, de alguma forma, individualizadas. E o que acontece com as diferenças generalizadas?

O CLIMA. Há pouco a dizer, senão que esta força é, segundo Hegel, incontestável. O filósofo de Berlim se inscreve aqui na mesma tradição de Heródoto, Aristóteles, Montesquieu e de

muitos outros autores. "É quando as necessidades básicas são satisfeitas que o homem se volta para o geral e o superior". Nas "zonas extremas a necessidade não cessa sem dúvida jamais e não será jamais afastada; o homem aí é sempre obrigado a dirigir sua atenção para a natureza, raios ardentes do sol e frio glacial. O verdadeiro teatro da história universal é pois constituído pela zona temperada"⁹. Desta forma fica delimitada a faixa planetária no interior da qual o Espírito vai se mover, o rigor climático constituindo um impedimento enquanto que a moderação introduz uma maior facilidade. Notar-se-á, aqui, que o raciocínio é bem pouco dialético e que um tipo de bom senso um tanto quanto mecanicista, baseado numa concepção elementar da necessidade, se sobrepõe à idéia tipicamente hegeliana de drama e de conflito. A menos que se suponha que no que concerne à imediatez natural, a dialética não tem síntese e que a mediação somente se introduz com a história propriamente dita. Hipótese que não deixaria de colocar problemas concernentes à origem hegeliana da dialética da natureza, tal como a concebe Engels.

A TERRA E O MAR. Tomada globalmente, a terra, seja plana ou montanhosa, e se dela se abstrai o elemento líquido que são os rios e os lagos, apresenta o limite, a finitude, a realidade fechada sobre si. Se se consideram as grandes extensões terrestres do norte da Europa e da Ásia, ou melhor, o continente africano, ela existe o mais freqüentemente como dobramento sobre si, como repetição do mesmo ou como diferenças tão pouco assinaláveis que são imperceptíveis. Nela, não há ponto central, o que significa que tudo, indiferentemente, pode ser tomado como centro. O mar é, precisamente, o elemento antitético. Mais vale deixar aqui a palavra com Hegel: "O mar nos dá a representação do indeterminado, do ilimitado, e do infinito; e o homem sentindo-se neste infinito, se sente por ele encorajado a passar para além de tudo o que é limitado; o mar convida o homem à conquista, à pilhagem, mas também a ganhar e a conquistar; a terra... fixa o homem ao solo; ele se empenha também numa sucessão infinita de dependências; mas o mar o faz sair destas esferas limitadas. Os que navegam no mar querem assim ganhar, conquistar; mas o meio do qual eles dispõem se comporta

de tal sorte que eles se expõem ao perigo de perder seus bens e mesmo sua vida... É isto... que eleva o ganho e a destreza acima deles mesmos e faz disso uma coisa corajosa e nobre; a coragem entra doravante na destreza, e o valor se acha igualmente unido à inteligência. Com efeito, a coragem frente ao mar, deve também ser astúcia, pois ela vai estar em contato com a astúcia, o elemento menos certo e o mais mentiroso [...]. À tal trapaça e à tal viglência o homem opõe unicamente um pedaço de madeira..."¹⁰.

Entre estes dois elementos antitéticos - que é preciso lembrar, só são ativos no seio da zona temperada - se introduzem gradações que não se poderia qualificar de sínteses. Há, por um lado, as planícies fertilizadas pelos grandes rios, formando bacias, que são, nos diz Hegel, como "lugares de transição"¹¹. "Nestes lugares se formam grandes impérios, e começa a fundação dos grandes Estados. Pois a agricultura, que domina aqui como primeiro princípio da subsistência dos indivíduos, deve ter em conta a regularidade da estação, das ocupações por ela reguladas; é o princípio da propriedade privada e das condições jurídicas a ela relacionado"¹². As próprias Lições irão desenvolver abundantemente este aspecto no que seu editor - o próprio filho de Hegel - vai classificar na 1ª parte, consagrada ao Mundo oriental, que é, sem nenhuma dúvida, um dos pontos de partida das análises consagradas por Marx ao famoso "modo de produção asiática", objeto de tantas controvérsias e de combates duvidosos.

Porém mais importante é a segunda gradação: "a região costeira" e as ilhas. Manifesta-se então um misto que combina o peso da terra e a graça do mar, a repetição sem a qual nenhum Estado pode ter um ponto fixo, tradição e constância nos costumes e na mudança, sem o que ele não poderia ser verdadeiramente histórico nem ser tomado pela vontade de adquirir e conquistar. O exemplo mais notável é evidentemente o da Grécia, "ponto luminoso da história". Contrariamente ao que se disse, o mar é fator não de divisão, mas de união; mais ainda que os outros, o mar Mediterrâneo que vê nascer duas formas políticas essenciais à formação da humanidade: a Cidade e o Império, aparecer o povo judeu inventor do monoteísmo e nascer o Homem-

Deus, mediador entre o finito e o infinito representou um papel decisivo. Não confundamos todavia a *Histoire universelle* de Bossuet e a filosofia da história hegeliana. Não é intenção da Providência que preparou a Grécia, depois o Império Romano neste circuito para permitir a penetração do Evangelho. No seu movimento penoso e sangrento de autoconstituição, o Espírito encontrou um lugar de estada que lhe permitiu inventar estas figuras exemplares. Eis o raciocínio hegeliano que, chegando posteriormente e precisamente como momento privilegiado desta autoconstituição, pôde desvendá-lo no seu esforço enciclopédico de leitura da obra dos povos.

O NASCENTE E O POENTE. Eis aqui uma oposição que é bastante estranha, cuja interpretação já antecipa o problema que será evocado no fim deste breve estudo: o da viagem do Espírito - do que se chamou Noodisséia, que é também uma Noodicéia. Hegel sabe bem que o Leste e o Oeste são termos relativos e que se é sempre o oriental (ou o ocidental) de alguém. Mas o fato é que, se se considera a zona onde se desenvolveu a história, há no sentido absoluto, um nascente. Este está nos confins da Ásia: "A Ásia é o continente do nascente... ela é o Leste tomado no sentido absoluto"¹³. Constata-se - pois é aos olhos de Hegel, uma constatação - que é neste lugar que nasceu o Espírito, que se produziu o despertar da humanidade para a história - uma história não conhecida como tal. Como se verá nas páginas que seguem, o filósofo está tão convencido disto que ele explicará porque este nascimento não se dá no extremo leste, isto é, no que nós chamamos de Insulíndia. Desde que o espírito apareceu e quando ele permaneceu por um tempo suficiente no seu lugar, ele se desloca para o oeste; então o nascente caminha para o oeste, na medida em que cada povo, cada nação cumpre sua tarefa, desaparece, adormece e não lança senão os clarões de breves explosões.

Assim, estando delimitado o território da história ao norte e ao sul, tendo sido determinada a função dos elementos terrestre e marítimo, e o sentido geral do trajeto definido, falta fixar de modo mais detalhado o caminho do Espírito. Para aí chegar, é preciso ter em conta outros fatores: a singularidade

dos cinco continentes... É interessante indicar primeiro a ordem de exposição seguida por Hegel e tentar entender o motivo de sua aparente estranheza. A análise começa pela descrição da Austrália - que nós chamamos agora Oceania; passa em seguida à América do Norte e do Sul; em suma, pelo Novo Mundo. Prossegue pelo estudo da Europa, estando a esta integrada a bacia mediterrânea. Hegel distingue o Atlântico, o Mar do Norte e o Mediterrâneo, na medida em que estes mares se fundem uns nos outros, instituindo uma espécie de unidade entre o norte do mundo novo e o ponto extremo do antigo continente. Segue-se uma longa descrição sobre a África. Vem em seguida a Ásia, para terminar com um breve retorno à estrutura dos países europeus.

Este plano é de uma grande disparidade. Pode-se notar naturalmente, que ele não corresponde de maneira alguma aos focos de desenvolvimento da humanidade. Com efeito, ele ilustra a tese central da filosofia hegeliana do vir-a-ser, tese ela própria ambígua: é a Europa que está no centro desta descrição, na medida em que sobre seu território se produziu o começo do fim da história, assim como o testemunha a realização do Estado moderno por Napoleão e a construção do Saber absoluto desenvolvido sistematicamente na Ciência da lógica e nos textos que são sua aplicação, entre outros estas Lições que são evocadas aqui. Mas é somente um começo: a Europa, com efeito, tal como ela é, se bem que tenha sabido inventar a modernidade política, permanece um "depósito de armas históricas"; o Estado capaz de gerar o Estado mundial, isto é o fim da história, se estenderá, segundo tudo indica até a América: esta é [...] "o país do futuro onde se revelará mais tarde no antagonismo da América do Norte, pode-se supor, com a América do Sul, o elemento importante da história universal"¹⁴. Quanto ao ponto focal da mundialização, isto é, do desaparecimento da política, será preciso voltar a ele.

O fato é que a Europa é, neste momento, nos anos de 1820-1830, o território central: é o término de um movimento que veio do nascente, da Ásia e de uma certa maneira, de mais longe ainda. A América é seu futuro, desde que ela saiba ser outra coisa que seu prolongamento. A África, não é, segundo Hegel, salvo na sua parte setentrional, terra de história: é por isto

que é importante dedicar-lhe a partir desta introdução um longo tratamento (em comparação aos outros continentes), na medida em que ela não será mais tratada em seguida.

A ordem descritiva seguida por Hegel é pois a seguinte: o extremo longínquo, o porvir, o presente, o fora da história, o passado e, de novo, o presente. Este plano vai tomar seu pleno significado somente pela análise mais precisa da individualidade geográfica de cada continente.

A OCEANIA. É o extremo longínquo, ou melhor, o aquém do nascente. Na realidade, pode-se supor que Hegel está consciente de uma contradição. As ilhas de Insulíndia apresentam, com efeito, muitos caracteres que satisfazem as condições de eclosão do Espírito: interpenetração do mar e da terra, presença de numerosas ilhas e situação oriental. É verdade que o clima equatorial é desfavorável. Mas há algo mais grave: "Este arquipélago entre a América do Sul e a Ásia manifesta um defeito de maturidade física; a maior parte das ilhas é constituída de maneira a formar [...] somente um revestimento de terra para rochedos que se erguem do abismo sem fundo com o caráter de uma formação tardia. [...] Descobrem-se imensos rios que não chegaram ainda a sulcar um leito, mas que terminam em alagadiços"¹⁵. Em suma, Hegel, não sem ingenuidade, constrói para si uma geografia da Oceania na medida de seu eurocentrismo. A falta de informações de que ele dispõe - das quais ele tira algumas vezes antecipações geniais - leva-o à simplificações extremadas.

A AMÉRICA. A imaturidade da outra parte do Novo Mundo não está no seu caráter geográfico, mas no natural de suas populações autóctones: estas não souberam resistir "ao sopro da atividade européia"¹⁶. Ao norte, elas são destruídas pelas operações de repressão das quais são objeto mediante a aguardente com a qual são corrompidas; ao sul, elas foram simplesmente exterminadas na sua imensa maioria. O que lhes confere tal destino, é sua inaptidão geral para o trabalho, sua "preguiça", a que eles não souberam remediar com virtudes militares eficazes. Com isso, a América tornou-se o excedente da Europa, que assegurou mais firmemente sua conquista importando negros da

África que "acolhem bem melhor a civilização européia"¹⁷. É assim que, para os Europeus, ela constituiu e constitui ainda, nos diz Hegel, "a terra dos sonhos e da aventura...". Mas estes sonhos, estas aventuras ainda não são mais do que um eco da Europa, que permanece metrópole, no sentido antigo do termo. A República dos Estados da América do Norte fez triunfar os ideais de liberdade jurídica e o espírito de tolerância religiosa da idade das Luzes; mas este triunfo se fez as custas, de um lado, do homem privado e mercantil e, de outro, da multiplicação de seitas rivais, introduzindo uma tolerância generalizada e cotidiana em relação ao que não é religioso. Assim, "o que chegou até aqui é somente o eco do velho mundo e o reflexo de uma vida alheia"¹⁸.

A ÁFRICA. Eis aqui o ápice deste eurocentrismo que constatamos a propósito da Oceania. A descrição do continente africano é por sua vez pitoresca e desoladora. Mostra até que ponto é justa a fórmula do próprio Hegel, segundo a qual um pensador é necessariamente filho de seu tempo, não somente no que este tem de grandeza e de invenção, mas também no que esconde de pequenez e de lugar comum. Os clichês concernentes à petulância, à gentileza, à barbárie instintiva, à ferocidade ingênua, à insatisfação, à ausência de qualquer sentido da transcendência e do desenvolvimento dos "negros", estão presentes; e, naturalmente, pontuadas de anedotas significativas, tiradas do relato de algum viajante. A frase preliminar resume por si só a perspectiva do conjunto: "O que caracteriza os negros é precisamente que sua consciência não chegou ainda à intenção de qualquer objetividade firme, como por exemplo, Deus, a lei, onde o homem se manteria com sua vontade tendo a intuição de seu ser"¹⁹. O negro, reduzido à imediatez natural, se contenta pois com uma religião onde dominam a magia e o fetichismo - com exceção dos que foram civilizados pelos muçulmanos; ele está excluído de toda moralidade e se menospreza a si mesmo tanto quanto menospreza outrem; é por isto que se encontra generalizada a prática da escravatura. Assim, no próprio Estado, quando ele existe, como é o caso de algumas nações africanas, o princípio é o que predomina no estado de natureza: isto é, a injustiça. Isto é suficiente; concluamos como Hegel: "Com isso, nós

deixamos a África para não mais mencioná-la daqui para frente"²⁰.

A ÁSIA. Quanto ao mais antigo dos continentes do Velho Mundo, ele apresenta de saída, uma racionalidade formal. A capacidade de seu território, a clara divisão de suas zonas climáticas e a correspondência destas com o relevo físico, a boa determinação dos diversos meios de sobrevivência, asseguram uma configuração harmoniosa que é em si, portadora de inteligibilidade. Assim, o altiplano, que está no norte, possui a criação de gado (cavalos, camelos, carneiros); aí residem nômades, cuja forma social é essencialmente a "independência patriarcal"; estes foram tomados, no seio de sua vida calma, pelo desejo brutal de conquistas: "Estes povos, sem desenvolvimento histórico já possuem [...] um poder de impulsão capaz de modificar sua forma, e mesmo que eles ainda não tenham um conteúdo histórico, é neles todavia que convém perceber a história nos seus inícios"²¹.

A parte mediana é formada por planícies irrigadas por grandes rios; a agricultura é aí predominante: "Ela por si só faz cessar a instabilidade: ela exige a previdência e o cuidado com o futuro. Com ela nasce a reflexão sobre um valor geral, e já existe aí o princípio da propriedade e da indústria".

"A China, a Índia, a Babilônia se elevam à categoria de países de civilização deste gênero"²². No entanto, estas nações não entram realmente na história, limitadas que são pelo fator geográfico - as montanhas que as rodeiam - e por sua condição que lhes faz temer toda aventura marítima quando elas deveriam se arriscar a fazê-lo. Assim, elas só entram na história se estudamos sua cultura.

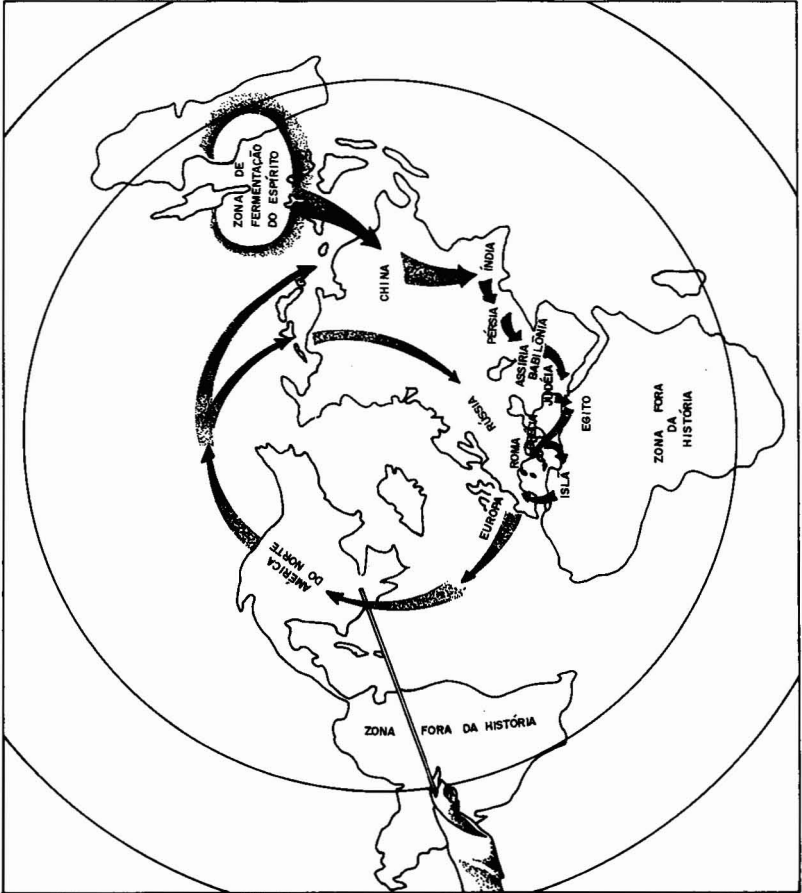
Na verdade, a Ásia torna-se histórica somente na sua parte anterior quando surgem Estados que unem os dois princípios: irritabilidade e instabilidade dos nômades, e riqueza e fecundidade devidas às planícies. Sem dúvida, Hegel pensa aqui na Pérsia e no Egito. No entanto, é na medida em que estas características são assumidas pela Europa, mais precisamente pelo Mediterrâneo oriental, que o Espírito faz sua entrada triunfal no vir-a-ser do Espírito propriamente dito.

A EUROPA. Nas duas passagens que são consagradas a este continente, Hegel se satisfaz, seja com afirmações gerais sobre a historicidade, isto é, sobre o histórico enfim consciente de si, seja com panoramas geográficos onde está constantemente sublinhado o intrincamento da terra e do mar. O motivo desta brevidade, é o próprio conteúdo das Lições. Que se julgue. Na tradução francesa citada:

- trinta e oito páginas consagradas à China e à Índia, as quais é preciso acrescentar quatro páginas sobre a Assíria e a Babilônia;
- vinte e três páginas sobre a Pérsia, a "Ásia Anterior" e o Egito;
- quarenta e três páginas sobre a Grécia;
- cinquenta e uma páginas sobre os Impérios romano e bizantino (onde estão integradas as análises sobre o cristianismo);
- setenta e três páginas sobre a história européia propriamente dita (parte intitulada "O mundo germânico").

Geografia mundial e história universal

Para concluir e, sem mais comentários, é tempo de seguir o trajeto do Espírito, seguir a trajetória histórica da cultura da humanidade concebida como sujeito e como totalidade dramática. O Espírito não poderia nascer nas ilhas do Pacífico, em que a fermentação desordenada e a imaturidade são obstáculos intransponíveis; ele evitará a África, "eldorado recolhido em si"²³. Ele habita temporariamente nos altiplanos da Ásia central, onde brilha em fulgurâncias sem amanhã; instala-se como para se consolidar nestes territórios fechados que são a China e a Índia; aí adquire a estabilidade e a previdência. Depois, seguindo sua viagem, sobe para a Ásia Menor onde opera sua primeira síntese, sem todavia conhecê-la. Ele percorre então a Europa: a Grécia, Roma, a explosão administrativa do império no circuito do Mediterrâneo e o desabrochar do cristianismo; o Islã, transição e veículo; a entrada na Europa continental pela mediação do Santo Império romano-germânico e a Reforma que ela



ATRAÍDO PELA GEOGRAFIA, O FILÓSOFO FRANCÊS CHATELET MONTA O MAPA DA VOLTA DO ESPÍRITO HEBELIANO.

gera; a realização da Reforma na França pela Revolução e o Império napoleônico. Em 1815, o Espírito desce do cavalo; em 1816, ele está sentado em Berlim no escritório de Hegel e escreve o saber absoluto... Que vai acontecer? A esta questão a filosofia, que é ciência, nada tem a responder: "... sob o relato da história, nós temos a ver com o que foi e com o que é - mas em filosofia nem com o que somente foi, mas com o que é e eternamente será...".²⁴

Hegel, no entanto, não nos impede de usar a imaginação. Ele até nos dá os elementos. O sonho europeu se realizará na América assim que esta cessar de imitar a metrópole européia. Não é lá que se constituirá o último Estado moderno parcial onde governantes e governados saberão claramente o que aconteceu com o Estado? Mas do Estado mundial, fim da história, qual será, através das guerras internacionais sempre mais sangrentas (a guerra é para Hegel o motor realista da história), o agente determinante? Na própria América? Por que não? Mas por que não pensar que determinando sua volta ao mundo, o Espírito irá se encarnar na China nova? Ou, avançando mais, nas planícies irrigadas da Rússia?

Eis aqui, em todo caso, já que estamos na mitologia, um objeto de reflexão ao mesmo tempo para os editorialistas do *Figaro*, de *L'Humanité* e de *Front rouge*. E para os romancistas de ficção científica.

Notas

1. Trad. francesa sob este título por J. Cribelin, Paris, Vrin, 1952.
2. Op. cit., p.198-200.
3. Idem, p.199.
4. Ibidem.
5. Trad. franc. J. Cribelin, Paris, Vrin, 1970.
6. Op. cit., p.66-82.
7. Idem, p.66-67.

8. Idem, p.68.

9. Ibidem.

10. Idem. p.74 (N.T.) Aqui estão bastante reduzidas as observações que Hegel faz a propósito da influência que o mar e a terra exercem sobre o homem. Por essa razão, achamos oportuno apresentá-la integralmente a partir da tradução espanhola: "El mar engendra, en general, una manera propia de vivir. Este elemento indeterminado nos da la representación de lo ilimitado e infinito; y al sentirse el hombre en esta infinitud, anímase a trascender de lo limitado. El mar es lo limitado; no tolera circunscribirse tranquilamente a las ciudades, como el interior. La tierra, el valle, fija el hombre al terruño y lo sitúa en una multitud de dependencias. Pero el mar lo saca de este círculo limitado. El mar alienta al valor; invita al hombre a la conquista, a la rapiña, pero también a la adquisición y la ganancia. La labor de adquisición se refiere a la particularidad de los fines, llamada necesidad. Ahora bien, el trabajo encaminado a satisfacer estas necesidades implica que los individuos se entierran en este círculo de la adquisición. Mas si el afán de provelho les impulsa a surcar las aguas del mar, entonces la relación se invierte. Los que navegan quieren y pueden cosechar ganancias; pero el medio de que se valen implica inmediatamente lo contrario de aquello para que ha sido tomado; implica peligro y resulta contrario a lo que con él busca el hombre, por cuanto este pone su vida y su fortuna en grave peligro. Por eso es por lo que el tráfico marítimo fomenta en el individuo la valentía, da al individuo la conciencia de mayor libertad, de más independencia. Así quedan la ganancia y la industria como sublimadas y convertidas en algo valiente y noble. El mar despierta la valentía. Los que navegam en busca de vida y riqueza, han de buscar la ganancia arrojando el peligro; han de ser valientes, exponer y despreciar la vida y la riqueza. La dirección hacia la riqueza queda, pues, convertida, por el mar, en algo valiente y noble. Pero además, el trato con el mar incita a la astucia; pues el

hombre tiene que habérselas aquí con un elemento que parece someterse pacíficamente a todo, que se acomoda a todas las formas y que, sin embargo, es destructor. Aquí la valentía va unida esencialmente a la inteligencia, a la mayor astucia. Justamente el mayor peligro está en las debilidades del elemento líquido, en su blandura, en ese su acomodarse a toda forma. Así, pues, la valentía frente al mar ha de ser, al mismo tiempo, astucia, puesto que tiene que habérselas con el elemento más astuto, más inseguro, más mendaz. La planicie infinita es absolutamente blanda; no resiste a la menor presión, ni aun a la de la brisa; parece infinitamente inocente, sumisa, amistosa, adaptada a todo; y precisamente esa facultad de acomodarse a todo es lo que convierte el mar en el elemento más peligroso y terrible. Frente a ese engaño, frente a ese poder, el hombre, *aes triplex circa pectus*, se lanza sobre un liviano leño, confiando solamente en su valor y en su presencia de ánimo; y abandona la tierra firme para bogar por el inquieto elemento, llevando consigo el suelo, fabricado por el mismo".

11. Idem, p.72.
12. Idem, p.73.
13. Idem, p.80.
14. Idem, p.71.
15. Idem.
16. Idem.
17. Idem.
18. Idem.
19. Idem, p.75-76 (N.T.) A tradução espanhola não é exatamente a mesma: "Entre os negros es, en efecto, característico el hecho de que su consciencia no ha llegado aún a la intuición de ninguna objetividad, como, por ejemplo, Dios, la ley, en la cual el hombre está en relación con su voluntad y tiene la intuición de su esencia".
20. Idem, p.79.

21. Idem, p.81.
22. Idem. (N.T.) Neste parágrafo, a tradução espanhola ao falar da reflexão, além de desenvolver o princípio da propriedade e da indústria - "leva a precaver necessidades gerais da família".
23. Idem, p.75.
24. Idem, p.72.(N.T.) Na tradução espanhola, lê-se: "no aspecto histórico temos a ver com o que foi e com o que é. Na filosofia, porém, com aquilo que não só foi e não só será, mas com o que é e é eterno: a razão. E isto basta".